

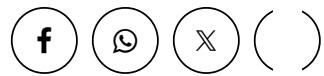
Por **Iberdrola** Mais Energia, Mais Vantagens Oferta 60€**Exclusivo****TEATRO & DANÇA**

Dança: Vera Mantero entre a filosofia e o corpo, para ver no CCB



Até agora, "Um Estar Aqui Cheio" foi apresentada apenas no Porto e duas vezes no estrangeiro João Tuna

Recriação de duas peças históricas raramente vistas em Portugal: "Poesia e Selvajaria", de 1998, e "Um Estar Aqui Cheio", de 2001. No Centro Cultural de Belém, em Lisboa



31 DEZEMBRO 2025 20:00

Claudia Galhós

la não desaprende nem abdica da profunda ligação à dança, que para ela sempre significou liberdade, experimentação, estar junto, pensar o

Emundo com o corpo, em coreografias nem sempre imediatamente reconhecidas como dança, mas muitas vezes materialização carnal da poesia e da filosofia, numa perpétua interrogação sobre o sentido do mais pequeno gesto e a reivindicação de uma vida que valha a pena ser vivida. Ela é a criadora Vera Mantero. Esta semana revisita duas peças de grupo icónicas do seu repertório, no CCB, em Lisboa: “Poesia e Selvajaria” (1998) e “Um Estar Aqui Cheio” (2001).

POESIA E SELVAJARIA + UM ESTAR AQUI CHEIO

De Vera Mantero

CCB, Lisboa, 8 e 9 de janeiro (“Poesia...”);
26 de fevereiro (“Um Estar...”)

As duas obras são fundamentais e fundadoras do discurso artístico de Vera Mantero. “Poesia e Selvajaria” é a expressão das possibilidades da liberdade expressiva em estado puro. As duas vivem da partilha, intuitiva, da energia que flui entre os elementos do grupo. No caso de “Um Estar Aqui Cheio”, passou por uma residência de um mês, em Brest, de artistas de dança e performance, artes visuais e música. Os elencos originais das



ANT.

SEMANÁRIO 02.01.2026

PRÓX. >

Poesia e Selvajaria é uma peça onde tudo se mistura, as coisas do quotidiano, banais, e as ações surreais que parecem fora do mundo. Uma máquina de lavar roupa, cigarros, cordas, máscaras, balões, peças de roupas várias... Os objetos cumprem as suas funções ao mesmo tempo que são despossuídos da sua utilidade e participam de uma desordem de combinações e associações livre e delirante. Era já essa a procura de Vera, a procura de uma outra forma de vida, que abre espaço à aproximação entre corpos, na convicção de que uma grande fonte de intensificação das coisas no mundo são os outros.

“Poesia e Selvajaria” foi ressurgindo, de modos muito diversos, nas outras criações da coreógrafa. É quase “A Sagrada Família” de Vera Mantero. Um resgate, poético, do que podem ser ainda rituais de uma contemporaneidade urbana, onde vida, imaginação e arte não existem em planos separados e respiram total liberdade. É uma obra que, no seu tempo, parecia antecipar a análise de Byung-Chul Han, em “Do Desaparecimento dos Rituais”: “Hoje o mundo não é um teatro em que se desempenham papéis e se trocam gestos rituais, mas um mercado em que a pessoa se despe e se expõe.” Sendo que o “despir” e “expor” a que Byung-Chul Han se refere não é literal, mas é de alma e é mercantil. A aparente desordem e absurdo das imagens e interações entre intérpretes era a forma de afirmar um sublime poético, fora do comum e do conceito clássico do belo.

“A poesia é um espaço que fica entre a filosofia e o corpo. É um pensamento sensorial. Está relacionada com a reflexão sobre o que atravessas e está à tua volta. É feita com as ferramentas do racionalismo, com a palavra e com o verbo, mas põe o verbo de pernas para o ar.” É assim que Vera Mantero fala, em entrevista ao Expresso, há precisamente 20 anos, por ocasião da estreia de “Até Que Deus É Destruído pelo Extremo Exercício da Beleza”. Nesta afirmação consta a matéria de que é feito o seu trabalho: a poesia que fica entre a filosofia e o corpo, e põe o verbo de pernas para o ar.

Vera Mantero continua coerente nesse caminho, que é de estranhamento, desassossego, e constante vibração de vida. Faz parte da geração da nova dança portuguesa surgida em finais dos anos 80, que introduziu novas formas autorais e questionadoras do porquê de cada movimento. Nesses tempos de abertura, pós-ditadura, pôs-se em causa o corpo autómato, que cumpre ordens de um criador colocado num nível hierárquico superior, que todos dirige, inclusive o público, sem possibilidade de contraditório ou desvio do olhar. É neste movimento, também político, que o fôlego vibrátil de Vera se manifesta, por via da dança, poesia, filosofia, canto... E já lá vão quase 40 anos como coreógrafa — começou em 1987, com “Ponto de Interrogação”, nos Estúdios Experimentais de Coreografia do extinto Ballet Gulbenkian.

“Poesia e Selvajaria” e “Um Estar Aqui Cheio” são peças irmãs. São profundamente marcantes das interrogações e revoluções de Vera, de abertura de espaço, de exercício de total liberdade, muita improvisação, mas ficaram resguardadas num lugar quase mítico, porque apesar do entusiasmo de quem esteja mais familiarizado com esta dança, tiveram carreiras muito curtas, e quase não foram vistas em Portugal. “Um Estar Aqui Cheio” é o ponto máximo disso mesmo, foi apresentada apenas no Porto e duas vezes no estrangeiro. Esta é por isso uma estreia em Lisboa, 25 anos depois da estreia absoluta.

Na crítica sobre “Um Estar Aqui Cheio”, depois de ver a peça no Porto, escrevi: “Esta é uma intervenção plástica física apresentada no contexto de um palco não formal — o público senta-se no chão, em cima de almofadas, em redor do espaço onde decorre a ação. (...) ‘Um Estar Aqui Cheio’ coloca o corpo em frente a um suporte de pautas musicais, que contêm textos e cujas palavras, ditas, declamadas, lidas, improvisadas e cantadas, são proferidas com acompanhamento gestual. São os figurinos que não são figurinos, que são peças de roupa do dia a dia ou de um ensaio. É uma peça que vive do esvaziamento de todos os artifícios. Exige disponibilidade e há quem defenda que é desta natureza que as obras de arte devem ser feitas.”

RELACIONADOS